como o "paçote do feijão" de 1980 (ver Agroanalysis, vol. 4, nº 4) devem ser evitadas a todo custo, devendo-se, antes, optar por soluções que busquem sanar as deficiências inerentes à estrutura deste cultivo, de modo a que se possa dispensar tabelamentos e importações, como medidas supostamente reguladoras de mercado.

MILHO

Mesmo com uma boa safra, deverá haver importações

A região Centro-Sul encontra-se em fase de colheita da maior safra de milho de todos os tempos. Uma postura otimista, com maior aderência aos prognósticos oficiais, daria conta de uma produção da ordem de 23 milhões de t. Um posicionamento mais cauteloso, contudo, apontaria como um limite razoável o total de 22 milhões de t, em virtude de algumas adversidades climáticas, ocorridas ao longo do mês de fevereiro, em importantes regiões em que o cereal é cultivado.

De qualquer forma, uma observação das variáveis que conformam o balanço oferta/demanda, ao longo da temporada de comercialização da safra 1980/81, permite antever menores dificuldades para um equacionamento adequado do referido balanço. A boa colheita de agora atende aos objetivos governamentais de controle inflacionário, este mais exequível em períodos de "abundância" como será, provavelmente, a característica dos próximos seis meses.

Se, em termos de suprimento, a temporada atual deverá ser menos instável, sob a ótica dos produtores pode-se prever uma fase de preços reais inferiores aos praticados na comercialização da safra passada. Ou seja, os produtores terão que, forçosamente, equilibrar um maior volume de vendas com preços menores. Para tanto, além da ampliação da quantidade colhida, o mercado de grãos forrageiros deverá apresentar outra variável de extrema relevância: o desaquecimento da demanda por parte dos criadores de pequenos e médios animais.

Uma análise retrospectiva do complexo milho/rações/carnes, em 1980, elucida algumas questões em torno do nível de preços do cereal. No primeiro semestre, a expressiva colheita da safra do Centro-Sul (crescimento de 28% em relação ao período 1978/79) determinou uma forte depressão dos preços reais recebidos pelos produtores e dos preços praticados no mercado atacadista de São Paulo (Quadros 1 e 2).

O biênio anterior caracterizou-se por um aperto mais acentuado no suprimento global da matéria-prima. Em 1978, verificou-se uma escalada dos preços reais em todo o seu transcurso. No ano seguinte, a flutuação sazonal dos períodos de safra e entressafra foi pouco acentuada, contrariamente à situação experimentada em 1980.

No segundo semestre do ano passado, ao lado do fortalecimento da espiral inflacionária, os preços do cereal encetaram inusitada escalada especulativa.

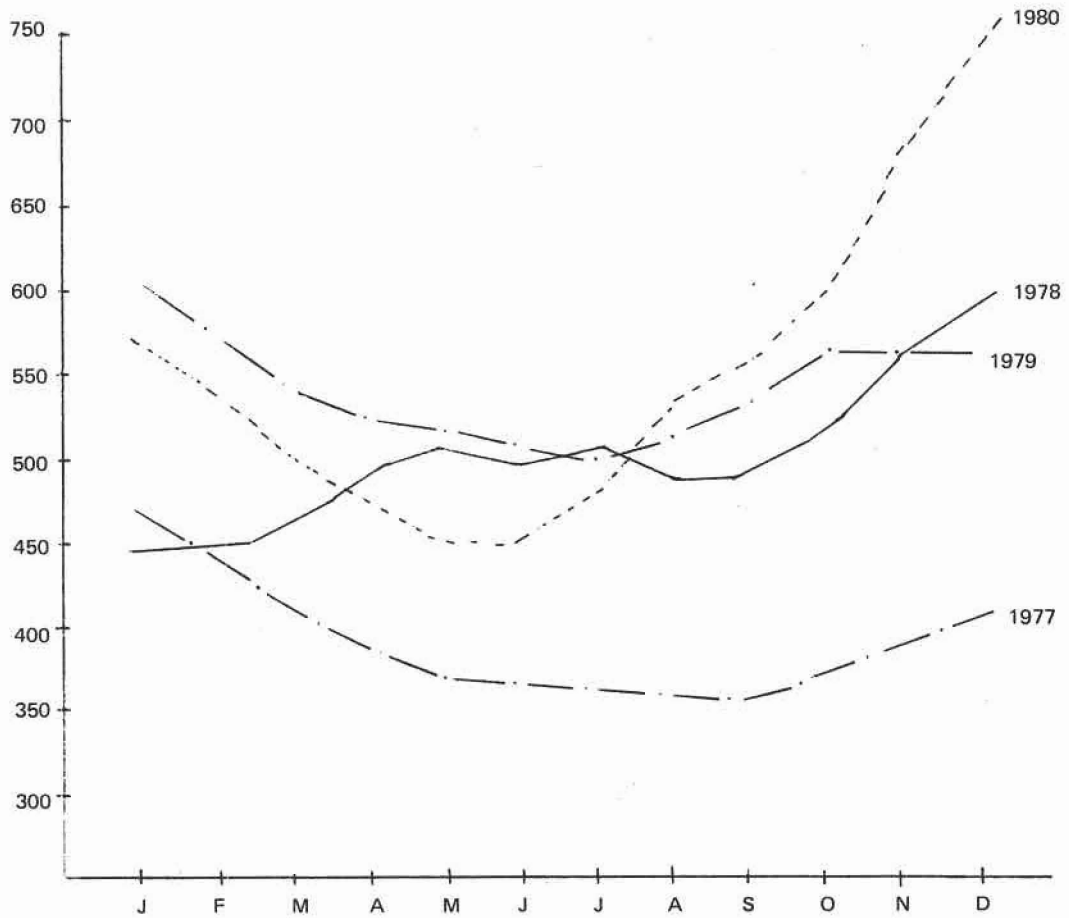
Com o mercado de carne bovina apresentando sinais de uma iminente entrada em uma nova fase cíclica de baixa, os setores avícola e suinícola, objetos de investimentos despropositados nos últimos anos, foram vítimas de duas forças desestimulantes: de um lado, a compressão do preço final, face à queda dos preços da carne bovina; de outro, os elevados preços do milho para arraçoamento. Nem mesmo a desova (mais uma vez tardia) do cereal importado, propiciou o estabelecimento de um saldo positivo na rentabilidade líquida dessas explorações.

A propósito, as importações brasileiras de milho totalizaram 2,005 milhões de t, sendo que apenas 37% desse volume foram comercializados no ano civil de 1980. Assim, as insuficientes desovas de estoques, no último trimestre de 1980, não impediram a alta dos preços; mas a sua intensificação desde o início do ano, ao lado da safra entrante, veio deprimir sensivelmente os preços, a partir de janeiro (ver Quadro 2). Do total adquirido, em pregões nas diversas Bolsas, até o presente momento, cerca de 1,52 milhão de t foram negociadas. Aproximadamente 373 mil t foram destinadas ao Norte-Nordeste, onde o programa de vendas se estenderá até junho.

A existência de elevados estoques de milho importado em poder do governo favoreceu o setor industrial, que havia adotado uma atitude caute-

QUADRO 1

BRASIL: Estados Selecionados(1) – Evolução Mensal dos Preços Reais(2) Recebidos pelos Produtores de Milho (Cr$/60 kg)



(1) Compreende as médias dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás.
(2) Valores corrigidos pelo IGP – Col. 2 de Conjuntura Econômica.
FONTE: Centro de Estudos Agrícolas/IBRE/FGV.

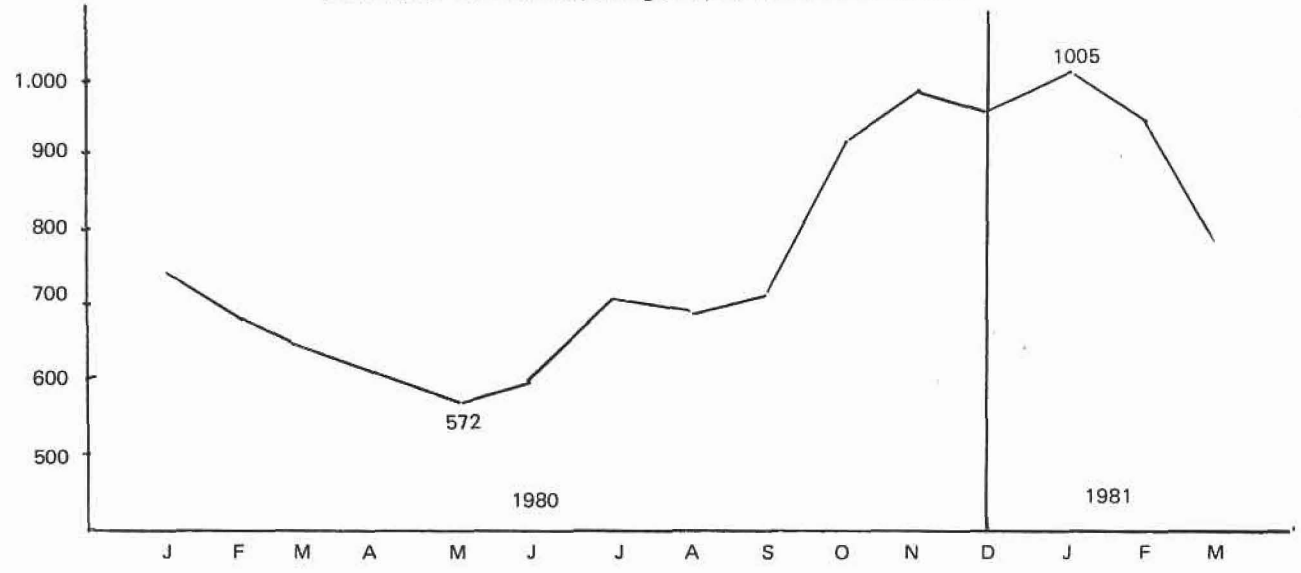
losa em sua estratégia de formação de estoques. De fato, o arrefecimento registrado na produção de carne avícola, desde os três últimos meses do ano passado afetou negativamente as indústrias de rações*. Conseqüentemente, estas recorreram aos estoques do produto importado, reduzindo suas compras do grão brasileiro, da safra 1980/81.

A formação de estoques significativos, nesse período de relativa "abundância", não é um bom negócio, principalmente levando-se em conta o elevado custo financeiro para transportar o produto no tempo. Esse ônus cresce na medida em que o preço mínimo (Cr$ 474/60 kg) é a referência para a captação de dinheiro a juros subsidiados através dos Empréstimos do Governo Federal - EGF's. Sobre a diferença entre o preço mínimo e o preço de aquisição de mercado incidiria, portanto, uma taxa de juros real. De qualquer forma, recente resolução do Conselho Monetário Nacional, reduzindo as taxas de juros dos EGF's contratados pelas indústrias de comercialização da região Centro-Sul, de 65% para 50%, representa, sem dúvida,

* estima-se que o nível de atividade dessas indústrias, em fevereiro, tenha apresentado uma queda de até 40% em relação aos meses anteriores, enquanto que, em São Paulo, a redução "normal" da atividade no período é de 15%.

QUADRO 2

SÃO PAULO: Evolução Mensal dos Preços Reais[1] do Milho na Bolsa de Cereais de São Paulo
(em Cr$/60 FOB Granel, corrigidos para Fevereiro de 1981)



1 Valores corrigidos pelo IGP — Col. 2 de Conjuntura Econômica.
* Março 81 — período de 1 a 20 — preços correntes.

um afrouxamento da situação. No entanto, esperar que essa iniciativa provoque uma corrida à formação de estoques seria demasiado otimista.

Em termos físicos, a safra 1980/81 tem evoluído dentro do esperado e confirmando tendências de há muito delineadas.

Assim, o Paraná, cada vez mais, consolida a dianteira na produção do cereal. Segundo os produtores, "o melhor clima dos últimos dez anos" foi o melhor "insumo" para a produção. O Departamento de Economia Rural do estado estima que a semeadura do milho tenha alcançado uma área de 2,36 milhões de ha (crescimento de 9% em relação a 1979/80). Em termos de produção, o novo recorde ficará entre 5,5 e 5,8 milhões de t, propiciando uma disponibilidade líquida para exportação a outros estados próxima de 1,5 milhão de t. O desenvolvimento vegetativo da lavoura descarta a possibilidade de diminuição da produtividade esperada: da área total plantada com a lavoura, 5% encontram-se em fase de floração, 15% em frutificação e 60% em maturação. Nos 20% restantes, já se procedeu à colheita, o que significa que mais de 1 milhão de toneladas encontram-se em um ritmo frouxo de comercialização, em razão dos preços insatisfatórios oferecidos aos produtores.

Em terras do Rio Grande do Sul, a expectativa de produção também é das melhores. A colheita das lavouras de tamanhos médio e grande já foi processada, enquanto os agricultores da chamada "região colonial", que produzem, em boa medida, para consumo próprio, preferem o processo de "dobra" do produto, forma rudimentar de armazenamento no campo. Em termos numéricos, a produção deverá crescer de 3,2 milhões de t, na temporada 1979/80, para um volume em torno de 4 milhões de t. As indústrias de rações do estado, como seria de se esperar, estão praticamente fora do mercado, pois os armazéns e silos ainda mantêm estoques de milho importado.

Quanto à Santa Catarina, a notória descapitalização do rebanho suinícola catarinense, nos últimos meses, é o principal fator de explicação para os baixos preços do milho naquele estado. Com apenas 15% da produção colhidos, os preços atuais recebidos pelos produtores manifestam uma tendência de forte queda, ameaçando chegar até um limite pouco superior ao defasado preço mínimo de referência. Estima-se que a produção do estado alcance 3,3 milhões de t, com o cultivo de 1,22 milhão de ha. Tais números representam um incremento de 9,6% na produção e de 8,5% em relação à área estimada pela FIBGE para a temporada anterior. Apesar desse crescimento da produção, pode-se prever uma reação do mercado, em função de uma recuperação da suinocultura, que impulsionará decisivamente a demanda pelo cereal.

À medida que se avança para as regiões mais centrais do país, o otimismo com a safra sofre alguns reparos, pois o veranico de fevereiro afetou a produtividade de forma mais ou menos generalizada. Segundo levantamentos do Instituto de Economia Agrícola, a área cultivada de milho no estado de São Paulo cresceu em todas as Divisões Regionais Agrícolas, com exceção da de Bauru. A estimativa mais recente do IEA, consolidada a partir das condições da lavoura até meados de fevereiro, é de uma produção de 2,86 milhões de t, numa área de 1,209 milhão de hectares. Confirmando-se as perdas, principalmente nas regiões de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e Campinas, é provável que a safra paulista fique em torno de 2,6 milhões de t. Dessa forma, São Paulo ainda terá que adquirir de outros estados produtores cerca de 3,4 milhões de t para a regularização do seu abastecimento.

Em Minas Gerais, a estiagem provocou pequenas perdas nas grandes regiões produtoras do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba. A quebra de safra foi mais acentuada no norte do estado e no Vale do Jequitinhonha. Segundo cálculos do GECEA, o plantio totalizou 1,769 milhão de ha, para uma produção estimada em 3,137 milhões de t, traduzindo um incremento de 4,2%, em relação à colheita do ano passado. No entanto, estimativas extra-oficiais sugerem uma produção levemente superior à previsão daquele órgão, na faixa de 3,2 a 3,3 milhões de t.

A produção de Goiás, por seu turno, poderá apresentar um decréscimo em relação à colheita de

1,75 milhão de toneladas resultantes da safra 1979/80. Não obstante a ampliação do plantio no estado, a produtividade sentirá os reflexos da menor utilização de fertilizantes (pela defasagem do VBC em relação aos gastos de custeio) bem como das dificuldades na aquisição de sementes de qualidade comprovada, à época de plantio. Por outro lado, verificou-se uma estiagem apreciável nas áreas de cultivo do cereal. Dessa forma, a produção poderá situar-se entre 1,6 e 1,7 milhão de t, suficientes para confirmar a posição de exportador líquido que o estado sempre manteve.

Conforme o exposto inicialmente, uma estimativa mais equilibrada da produção na região Centro-Sul situar-se-ia ao redor de 22 milhões de t. Como se trata de um volume altamente significativo, a estratégia governamental deve rumar no sentido de resguardar os interesses de produtores e consumidores, no decorrer do período de comercialização da safra. A perspectiva de uma redução dos preços reais do produto nos próximos meses deve, numa primeira instância, ser o foco das atenções oficiais. Assim, deve-se garantir à CFP uma flexibilidade que possibilite a sua atuação efetiva nas zonas de grande concentração da produção, comprando o cereal por preços acima do mínimo de referência. A formação de estoques por parte do governo (um mínimo de 1 milhão de t) atualmente, é o ponto de partida para o atendimento dos consumidores, a preços razoáveis, no próximo período de entressafra. É hora, então, de se lançar mão de um programa efetivo de estocagem reguladora.

Mesmo com a referida diminuição do ritmo de crescimento da produção de aves e suínos no último trimestre de 1980 e no início do corrente ano, parece relativamente certo que o país ainda recorrerá ao mercado externo para complementar a oferta doméstica do cereal. Em termos de demanda, espera-se que a produção de frangos de corte e de ovos cresça, em 1981, entre 7 e 10%, dependendo, fundamentalmente, do comportamento do segmento voltado para a exportação.

A recuperação dos preços de suínos a que se assiste, atualmente, resultará em uma pressão de demanda por milho e rações a partir de agora e, principalmente, no segundo semestre.

Por sua vez, as indústrias processadoras de milho para a fabricação de óleo deverão ter sua demanda pelo cereal incrementada em cerca de 10% na temporada atual.

A retirada do subsídio ao preço da farinha de trigo também será um fator de fortalecimento da demanda por milho. Estima-se que a necessidade deste cereal para a fabricação de farinha e fubá crescerá de 1,3 a 1,4 milhão de toneladas, em 1979/80, para cerca de 2 milhões de t, no corrente ano.

Tais incrementos na demanda são bastante significativos, na medida em que se considera que o consumo de milho, em 1980, situou-se por volta de 21 milhões de t. Além disso, a situação atual não permite maior clareza nos prognósticos relativos ao desempenho da produção no Norte-Nordeste. Em síntese, parece lícito supor que o país venha a efetuar algumas compras no mercado externo na segunda metade do ano, garantindo uma posição cautelosa quanto ao movimento dos preços, dos estoques e do consumo interno, até os meses iniciais de 1982.

SOJA

Cedendo terras no Sul e expandindo-se no Centro-Oeste

A safra brasileira de soja deverá retomar seu ritmo de expansão da produção em todas as regiões do país e atingir o volume inédito de 15,5 milhões de t. A produção de 1980 ainda refletiu, como nos dois períodos anteriores, problemas de estiagem. Foi o que sucedeu, por exemplo, às lavouras gaúchas, no início daquele ano, reduzindo a produtividade estadual para apenas 1.440 kg/ha.

Atualmente, com a maior parte da produção praticamente garantida, algumas considerações podem ser feitas. Em nível nacional, a área semeada com a soja deverá se situar em torno de 8,75 milhões de ha, quase idêntica à de 1980. Entretanto, houve modificações inter-regionais. Os estados da região Sul e, também, São Paulo, liberaram aproximadamente 180 mil ha antes ocupados com soja, enquanto nos estados do Centro-Oeste e Minas Gerais a soja conquistou uma área equivalente àquela perdida no Sul.

Os dados da área de plantio es-